

## **BOIUNA DO AÇO**

**Marcos Mascarenhas Rodrigues<sup>1</sup>**

Verte por entre pensamentos

Alagam-os todos

Nas noites banhando matas

Por entre rios desliza sob o manto da escuridão

Fertiliza os imaginários nas beiras-rio nas beiras-do-pensar-sem-fim

Arribando barranco

Evoca temores incontidos

Arde feito febre, malárias mil

Parimento de assombração

Mau agouro (en) cantado por bando de Acauãs

De bubuia espreitas,

Antes do bote um olhar ardiloso

Traspassa um caboco, um preto, um índio

Em quem darás derradeiro laço

Abraço de sucuri num enlace mortal

Povoou Amazônia, escavou os rios dela

Em pensamento imemorial

Teu reinado foi ancestral

Agora serás caçada

Por um ser de apetite voraz

Engolir-te-ão as crenças

Regurgitar-se-ão tua força mística

Baldearão progresso

Ele descera o rio

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Pará, Campus Marabá, docente da Faculdade de Geografia. E-mail: mascarenhas@ufpa.br.

Feito de aço e bucho cheio de soja  
Do pescador levará a lida  
Tuas veias, barrancas e corredeiras  
Serpenteando Araguaia e Tocantins  
Sedimentando lágrima e desolação  
Ao transformar rio em estrada  
Nossa vida em mais uma destruição  
Retiraram teus verdes cabelos  
Revolveram todo teu chão  
Transporte para progresso  
Hidrovia, hidromorte e hidro-destruição?